

A

ABAILARD, PIERRE. ∅ ABELARDO.

ABDERA, ESCOLA DE. ∅ ABDERITAS.

ABDERITAS, os filósofos gregos Leucipo e Demócrito, os dois mais antigos expoentes do atomismo. Embora Abdera, na Trácia (norte da Grécia), tivesse sido a pátria de três pré-socráticos – Leucipo, Demócrito e Protágoras – o termo “abderitas” e a expressão “escola de Abdera” são aplicados somente a Leucipo e a Demócrito. Podemos, pois, distinguir entre o atomismo grego antigo e o epicurismo, que é a última versão do atomismo desenvolvida por Epicuro de Atenas. Este uso moderno é sob certo aspecto inadequado: o termo correspondente grego, *abderites*, *-ai*, foi usado na antiguidade como sinônimo de “simplório”, não em menosprezo de algum dos três filósofos de Abdera mas como insulto regional.

∅ ATOMISMO ANTIGO, PRÉ-SOCRÁTICOS.

A.P.D.M.

ABDUÇÃO, leis do pensamento para a descoberta, como oposto à justificação de hipóteses ou teorias científicas.

Foi Reichenbach que estabeleceu a distinção entre o *contexto da justificação* e o *contexto da descoberta*, sustentando que, legitimamente falando, a filosofia só tem a ver com o primeiro, que diz respeito à verificação e à confirmação, sendo o segundo matéria da psicologia. Assim, tanto ele como outros positivistas lógicos afirmaram que existem lógicas indutivas da justificação mas não lógicas da descoberta. Tanto a lógica hipotético-dedutiva e a lógica de Bayes, como também outras lógicas probabilísticas indutivas da justificação foram propostas. Um exame minucioso da atividade científica real revela cada vez mais argumentos e procedimentos justificativos que põem em xeque a adequação de lógicas deste tipo.

Norwood Russel Hanson até que mostrou existirem razões para aceitar determinada hipótese a partir das razões que sugerem que a hipótese correta deveria ser de um tipo especial. Para provar este último ponto ele tentou desenvolver lógicas de raciocínio tanto *retrodedutivo* como *abduativo* que enfatizam o raciocínio analógico, mas não conseguiu convencer muita gente de que essas lógicas fossem especificamente

diferentes das lógicas de justificação. Hoje alguns consideram a procura por lógicas formais rigorosas da descoberta como promissora. Mais propriamente, esta procura se concentrou na procura por “lógicas” num sentido mais lato. Estão sendo explorados procedimentos heurísticos, estratégias de descoberta e assim por diante. Outros concentraram suas buscas na investigação da racionalidade do crescimento do conhecimento científico, ou seja, na exploração das condições sob as quais as pesquisas de tradições ou programas são progressistas ou degenerativas. Outros ainda têm explorado o recurso a técnicas que têm como ponto de partida as ciências cognitivas ou a inteligência artificial. As reivindicações de êxitos conseguidos são geralmente controvertidas. ∅ CONFIRMAÇÃO, INDUÇÃO, REICHENBACH.

F.S.

ABELARDO, PEDRO, em francês, Pierre Abailard ou Abélard (1079-1144), teólogo francês cujos escritos, especialmente *Theologia Christiana*, constituíram uma das mais impressionantes tentativas do período medieval de usar técnicas lógicas para explicar os dogmas cristãos. Nasceu de uma família da pequena nobreza, na Bretanha, e estudou lógica e teologia sob a orientação dos mais notáveis professores do início do século XII, entre os quais Roscelino, Guilherme de Champeaux e Anselmo de Laon. Ele logo eclipsou seus professores em matéria de lógica, atraindo discípulos de toda a Europa. Suas incursões pela teologia foram recebidas com menos entusiasmo. Duas opiniões suas sobre a Santíssima Trindade foram condenadas como heréticas. Abelardo levou uma vida dramática, marcada por amargas discussões com os seus oponentes e um caso amoroso com Heloísa, tão famoso quanto danoso (c. 1117). Muita coisa que se sabe a seu respeito é tirada de sua obra autobiográfica, *Historia calamitatum*. Em matéria de lógica, as duas obras mais importantes de Abelardo são: a *Logica ingredientibus* e a *Dialectica*. Nestes escritos e em outros mais ele é o primeiro filósofo medieval escolástico a fazer pleno uso da obra de Aristóteles *Sobre a interpretação* e dos comentários de Boécio sobre o assunto, para produzir uma sofisticada teoria do significado das palavras e das proposições. Esta teoria faz uma distinção entre o significado de uma expressão tanto a partir daquilo que a expressão nomeia como da idéia existente na mente do falante e que está associada a esta mesma

expressão. Abelardo atribui às imagens um papel no pensamento, mas evita cuidadosamente afirmar que elas são aquilo que as palavras significam. Nisto ele está muito mais cômico das armadilhas das teorias subjetivistas do pensamento. Suas doutrinas positivas a respeito daquilo que as palavras significam se ajustam perfeitamente às suas opiniões a respeito do significado das proposições e dos universais. Para Abelardo as proposições são sentenças que são ou verdadeiras ou falsas; aquilo que elas dizem (seus *dicta*) é aquilo que elas significam, e estes *dicta* são as vigas principais de sustentação da verdade e da falsidade. Abelardo desenvolveu também uma genuína lógica proposicional, a primeira desde os estóicos. Um universal, por outro lado, é um substantivo ou um adjetivo comum, e aquilo que ele significa é aquilo que significa o verbo da frase que faz parte da proposição. É uma espécie de *dictum* truncado, que Abelardo chama indistintamente de *status*, natureza ou propriedade. Nem o *status* nem os *dicta* são coisas, diz Abelardo, e sim objetos de pensamento independentes da mente. Abelardo foi particularmente devastador em seus ataques às teorias realistas dos universais, mas a sua opinião segundo a qual os universais não passam de palavras não significava absolutamente que ele negasse a objetividade de nosso conhecimento do mundo.

As teorias de Abelardo tanto na lógica como na ontologia afastavam-se, e muito, das idéias tradicionais legadas por Aristóteles pela mediação dos últimos comentadores, sobretudo de Boécio. Foram elas que puderam fornecer a base de uma síntese fundamentalmente nova para a lógica ocidental, mas enquanto a maioria do *corpus* aristotélico se tornou acessível na Europa Ocidental durante o século XII, o trabalho intelectual ficou concentrado na assimilação deste sistema de idéias já plenamente elaborado. Conseqüentemente, a influência de Abelardo sobre o pensamento escolástico tardio, embora visível, de forma alguma é tão grande como alguém poderia esperar, dada a acuidade e a originalidade de suas intuições. ∅ BOÉCIO, ESCOLÁSTICA, ROSCELINO.

M.M.T.

ABERTO LAÇO. ∅ CIBERNÉTICA.

ABERTURA DO VALOR-VERDADE. ∅ LÓGICA POLIVALENTE, PRESSUPOSIÇÃO.

ABHIDHARMA, a apresentação analítica e sistemática das mais importantes categorias constitutivas da doutrina budista; usa-se o termo como rótulo para ambos os textos que contêm semelhantes apresentações e para o conteúdo daquilo que é apresentado.

Os antigos textos *abhidharma* (até cerca do segundo século d.C.) são de forma catequética, definindo as palavras-chaves doutrinárias esquematicamente através de perguntas e respostas; as obras posteriores são mais discursivas, contendo muitas vezes extensas discussões a respeito de questões metafísicas controversas, como a existência de objetos anteriores ou a natureza da referência. O objetivo do *abhidharma* é o de fazer um inventário completo das coisas existentes e das relações que elas podem manter entre si. ∅ BUDISMO.

P.J.G.

ABHINIVESHA, palavra sânscrita que significa “amor-próprio” ou “vontade de viver”. Na filosofia hindu em geral e no sistema sanquia-ioga em especial, a *abhinivesha* era tida como sendo um aspecto da *avidya* (ignorância). Dizia-se que o medo, o apego e a aversão eram outras manifestações de *avidya*. Pensava-se que produziam servidão cármica, impedindo a pessoa de alcançar a libertação espiritual. Mesclada a estas coisas, a *abhinivesha* obviamente assume uma conotação negativa, embora na tradição hindu ela não fosse necessariamente errada, sendo às vezes até recomendável, para mostrar amor-próprio e uma saudável vontade de viver e prosperar no mundo material. Por conseguinte, a conotação negativa da *abhinivesha* é presumivelmente um indício de que aquilo que pode de alguma outra forma ser permitido pode se tornar inconveniente ou moralmente errado quando procurado em excesso ou por uma razão imprópria. ∅ AVIDYA.

D.K.C.

ABORTO. ∅ STATUS MORAL.

ABRABANEL, ISAAC BEN JUDÁ (1437-1508), filósofo judeu-espanhol e político. Tendo vivido na fronteira entre a filosofia espanhola medieval tardia e o humanismo renascentista, Abrabanel preocupou-se com temas judeus medievais tradicionais, como a criação, as profecias e a teodicéia. Suas obras incluem tanto comentários bíblicos como tratados filosóficos e teológicos; seus escritos mais significativos constituem uma crítica ao *Guia dos indecisos*, de Maimônides baseado no *Rosh Amanah* (1505) e no *Mifalot Elohim* (1503). Na sua crítica aos seguidores de Aristóteles, Abrabanel foi influenciado por Isaac Arama. Endossando o conceito rabínico de profecia, Abrabanel ataca a visão naturalista de profecia de Maimônides: sustenta que Moisés não deve ser diferenciado dos demais profetas e que o conhecimento

dos profetas não é meramente científico e metafísico, mas produzido milagrosamente por Deus. Esta ênfase no miraculoso como oposto ao natural desenvolve-se tanto na sua teoria da história como na sua teoria da política. Seus pontos de vista a respeito do estado ideal refletem uma inclinação humanística. Embora Abrabanel veja o estado civilizado dos seres humanos como revolta contra Deus resultante do pecado original, mesmo assim está interessado na melhor forma de governo possível nestas circunstâncias. Por conseguinte, a unidade da sociedade não requer necessariamente uma concentração de poder mas pode ser alcançada pela vontade coletiva. Este tipo de governo, segundo Abrabanel, é recomendado pela Torá, tendo sido provada a sua eficácia pelas repúblicas italianas daquela época. Com a vinda do Messias, a humanidade poderá realizar todo o seu potencial espiritual, e quando o universo corporal se desvanecer, cada alma será capaz de contemplar eternamente a essência de Deus. As opiniões políticas de Abrabanel influenciaram os movimentos messiânicos judaicos subseqüentes, e seus comentários bíblicos, traduzidos para o latim, influenciaram os círculos humanísticos cristãos posteriores. ∅ ABRABANEL, MAIMÔNIDES.

T.M.R.

ABRABANEL, JUDÁ, também chamado Leone Ebreo ou Leo Hebraeus (Leão, Hebreu) (c.* 1460-c.1523), judeu-espanhol, filósofo, poeta e médico. Filho mais velho de Isaac Abrabanel, Judá Abrabanel era, filosoficamente falando, um representante do platonismo italiano. Escreveu seu tratado filosófico *Dialoghi d'amore* (*Diálogos de amor*), obra predominantemente neoplatônica, em 1535. O manuscrito italiano original foi traduzido em francês, latim, espanhol e hebraico entre 1551 e 1560. Os interlocutores deste diálogo de estilo platônico, Sofia e Filon, exploram a natureza do amor cósmico. Este amor existe não só entre Deus e as criaturas, mas está em ação também na matéria e na forma, nos quatro elementos, como também em todo o universo; é o reflexo da beleza tanto sensível como intelectual; em resumo, foi transformado, a partir de uma relação entre Deus e o universo, em força fundamental em torno da qual todas as coisas estão ordenadas. Este é um aspecto místico da exposição de Abrabanel a respeito do amor, e não é surpreendente que estas reflexões em torno do misticismo venham à tona em sua obra, em meio a considerações sobre astrologia, astronomia e estética. É que, embora refletindo principalmente o platonismo e o neoplatonismo

medieval, Abrabanel fora influenciado também por Marsílio Ficino, Pico della Mirandola, Maimônides e Ibn Gabirol. Seus diálogos foram lidos por muitos filósofos, entre os quais Giordano Bruno e Spinoza. Seu conceito de amor pode ser encontrado na poesia lírica daquela época na Itália, na França e na Espanha, como também nos *Sonetos* de Michelângelo e no *Minturno* de Torquato Tasso. ∅ ABRABANEL, ISAAC.

T.M.R.

ABSENT QUALIA. ∅ FILOSOFIA DA MENTE, FUNCIONALISMO.

ABSOLUTISMO ÉTICO. ∅ RELATIVISMO.

ABSOLUTO, o, termo usado pelos filósofos idealistas para descrever a única realidade independente, da qual todas as coisas são manifestação. Kant usou o adjetivo “absoluto” para designar aquilo que é incondicionalmente válido. Segundo ele, a razão pura sempre procurou pelos fundamentos absolutos do conhecimento que fossem somente ideais; mas a razão prática postula a existência real de tais fundamentos como necessários para a moralidade. Foi esta inconsistência aparente que levou seus sucessores a tentar sistematizar este seu ponto de vista sobre a razão. Para conseguir isso, Schelling introduziu o termo “o Absoluto” para o fundamento incondicionado (e portanto identidade) do sujeito e do objeto. Schelling por sua vez foi criticado por Hegel, que definiu o Absoluto como espírito: a necessidade lógica que se encarna no mundo para concluir o autoconhecimento e a liberdade no decurso da história. Muitos notáveis idealistas ingleses e americanos do século XIX, entre os quais Bosanquet, Royce e Bradley, defenderam a existência de um absoluto quase-hegeliano. ∅ HEGEL, IDEALISMO, SCHELLING.

J.W.A.

ABSOLUTO, DIREITO. ∅ DIREITOS.

ABSOLUTO, ESPÍRITO. ∅ HEGEL.

ABSTRAÇÃO. ∅ BERKELEY, ENTIDADE ABSTRATA.

ABSTRAÇÃO, AXIOMA DA. ∅ AXIOMA DA COMPREENSÃO.

ABSTRAÇÃO EXTENSIVA. ∅ WHITEHEAD.

ABSTRAÇÃO FUNCIONAL. ∅ LÓGICA COMBINATÓRIA.

*c' – lê-se *circa* (“aproximadamente”, “em torno de”).

ABSTRAÇÃO-LAMBDA. ☉ CÁLCULO-LAMBDA, LÓGICA COMBINATÓRIA.

ABSTRACTA. ☉ ENTIDADE ABSTRATA, NATURALISMO.

ABSTRACTO. ☉ APÊNDICE DE SÍMBOLOS ESPECIAIS.

ABSTRATO, ENTIDADE. ☉ ENTIDADE ABSTRATA.

ABSURDIDADE. ☉ CATEGORIA, *REDUCTIO AD ABSURDUM*.

ABSURDO. ☉ CAMUS, EXISTENCIALISMO.

ABUNASER. ☉ AL-FĀRĀBĪ.

ACADEMIA, a escola fundada por Platão por volta de 385 a.C. na sua propriedade fora de Atenas, perto do parque público e do ginásio, conhecida por esse nome. Embora ela não tenha mantido uma tradição contínua, os muitos e variados filósofos da Academia consideraram-se todos como sucessores de Platão, sendo que todos celebraram e estudaram a sua obra. A escola sobreviveu de alguma forma até 529 d.C., quando foi dissolvida, juntamente com outras escolas pagãs, pelo imperador romano do Oriente, Justiniano I. A história da Academia é dividida por alguns entendidos em Academia Antiga (Platão, Espeusipo, Xenócrates e seus seguidores) e Nova Academia (do terceiro e do segundo século a.C.). Outros falam de cinco fases na sua história: Antiga (como ficou dito atrás), Média (Arcesilau), Nova (Carnéades), Quarta (Filon de Larissa) e Quinta (Antíoco de Áscalon).

Durante a maior parte da sua história a Academia esteve voltada para a elucidação das doutrinas associadas a Platão, que não estavam inteiramente claras nos diálogos deste. Estas “doutrinas não-escritas” foram, ao que parece, passadas aos seus sucessores imediatos, sendo-nos conhecidas principalmente através da obra de Aristóteles: há dois primeiros princípios opostos, o Uno e a Díade (Grande e Pequeno); estes geraram Formas ou Idéias (que podem ser identificadas com números), a partir das quais, na devida ordem de sucessão, vieram objetos matemáticos intermediários e, no nível mais baixo, as coisas sensíveis (Aristóteles, *Metafísica* I.6).

Após a morte de Platão em 347, a Academia passou para o seu sobrinho Espeusipo (c. 407-339), que dirigiu a escola até a sua morte. Embora suas

obras escritas se tenham perdido, suas opiniões a respeito de certos pontos principais, juntamente com algumas citações, foram gravadas na memória por autores que a ele sobreviveram. Sob a influência dos últimos pitagóricos, Espeusipo antecipou-se a Plotino, defendendo a opinião segundo a qual o Uno transcende o ente, a bondade e até o Intelecto, e que a Díade (que ele identifica com a matéria) é a causa de todos os seres. Para explicar a gradação dos seres, postulou gradações da matéria, e foi isto que deu origem à acusação de Aristóteles de que Espeusipo via o universo como sucessão de episódios desconexos. Espeusipo abandonou a teoria das Formas como sendo números ideais, e deu importância menor do que outros platônicos às matemáticas.

Xenócrates (c. 396-314), que outrora viajara com Platão para a Sicília, sucedeu a Espeusipo, dirigindo a Academia até a sua morte. Embora tenha sido um autor prolífico, as obras de Xenócrates não escaparam do esquecimento, sendo ele hoje conhecido somente através das obras de outros autores. Foi levado pelas objeções de Aristóteles a rejeitar as opiniões de Espeusipo em alguns pontos; desenvolveu também algumas teorias que tiveram a maior influência no platonismo médio, assim como no estoicismo. Na teoria de Xenócrates o Uno é o Intelecto, e as Formas são idéias existentes na mente deste princípio divino; o Uno não é transcendente, mas reside num espaço intelectual acima dos céus. Enquanto o Uno é o bem, a Díade é o mal, sendo o mundo sublunar identificado com o Hades. Tendo assumido Formas como sendo entidades matemáticas, ele não teve nenhuma utilidade para as matemáticas intermediárias. Definiu as Formas mais como causas paradigmáticas dos fenômenos naturais regulares, e a alma como um número automotor.

Pólemon (c. 350-267) dirigiu a Academia a partir de 314 até 267, sendo conhecido principalmente por seu bom caráter, visto que deu aos seus discípulos um exemplo de auto-controle. Os estoícos provavelmente tiraram seu conceito de *oikaoisis* (uma acomodação à natureza) a partir dos seus ensinamentos. Após a morte de Pólemon, seu colega Crates dirigiu a Academia até a chegada de Arcesilau.

A Nova Academia surgiu quando Arcesilau se tornou o dirigente da escola, por volta de 265 a.C., e desviou a tradição dialética de Platão para a finalidade cética mediante a suspensão da crença. O debate entre a Nova Academia e o estoicismo dominou o cenário filosófico por um século e meio depois. Do lado acadêmico o principal porta-voz foi Carnéades (c. 213-129 a.C.).

Nos primeiros anos do 1º século a.C., Filon de Larissa tentou conciliar a Antiga e a Nova Academia. Seu discípulo, o antigo cético, Antíoco de Áscalon, ficou furioso por causa disso e se afastou dele para fundar de novo a Academia Antiga, por volta de 87

a.C.. Este era o início do platonismo médio (c. 80 a.C. - 220 d.C.). A escola de Antíoco era eclética, combinando elementos do platonismo, do estoicismo e da filosofia aristotélica, tendo chegado até nós principalmente através do *Academica* de Cícero. O platonismo médio recupera os temas principais de Espeusipo e Xenócrates, mas muitas vezes lança mão de conceitos estoicos e neopitagóricos para explicá-los. A influência do estóico Possidônio (135-50/51 a.C.) foi fortemente sentida na Academia durante este período, tendo o platonismo florescido em outros centros que não a Academia em Atenas, mas muito mais notavelmente em Alexandria, com Eudoro (século I a.C.) e com Filon de Alexandria (que teve seu apogeu por volta de 39 d.C.).

Após a morte de Filon, o centro de interesse retornou a Atenas, onde Plutarco de Queroneia (c. 45 c. 125 d.C.) estudou com Amônio na Academia, embora Plutarco tenha gasto a maior parte da sua carreira na sua residência, nas vizinhanças da Beócia. Seus inúmeros tratados filosóficos, que constituem rica fonte para a história da filosofia, estão reunidos sob o título *Moralia*; seu interesse em ética e educação moral levaram-no a escrever a sua obra *Vidas paralelas* (biografias comparadas de romanos e atenienses famosos), pela qual ele se tornou mais conhecido.

Após este período, a Academia deixou de ser o nome de uma espécie de filosofia platônica, embora a escola tenha continuado a ser um centro de platonismo, tendo sido especialmente proeminente sob a direção do neoplatônico Proclo (c. 410-485). ☉ NEO-PLATONISMO, NOVA ACADEMIA, PLATÃO, PLATONISMO MÉDIO.

P.Wo.

ACADEMIA DE ATENAS. ☉ DAMÁSCIO.

AÇÃO A DISTÂNCIA. ☉ TEORIA DOS CAMPOS.

AÇÃO(ATO)-ESPÉCIME. ☉ TEORIA DA AÇÃO.

AÇÃO(ATO)-TIPO. ☉ TEORIA DA AÇÃO, TEORIA DOS TIPOS.

AÇÃO BÁSICA. ☉ TEORIA DA AÇÃO.

AÇÃO DIREITA. ☉ ÉTICA.

AÇÃO IDEOMOTORA, uma teoria da vontade de acordo com a qual “toda representação de um movimento desperta em algum grau o movimento real que é seu objeto” (William James). Proposta

pelo fisiologista W. B. Carpenter, e ensinada por Lotze e Renouvier, a ação ideomotora foi desenvolvida por James. Ele recusou a análise, então em voga, do comportamento voluntário, que achava que a vontade opera mediante o restabelecimento de “sensações de inervação” (Wundt) nos nervos eferentes. Organizando e preparando a introspecção e a fisiologia, James mostrou que sensações de inervação não existem. James aventou a ação ideomotora como sendo a base psicológica para a volição: as ações tendem a ocorrer automaticamente quando pensadas, a menos que sejam inibidas por uma idéia contrária. A vontade consiste em fixar a atenção em uma idéia desejada até que ela domine a consciência, dado que a execução do movimento se segue automaticamente. James rejeitou também a tese associacionista de Bain, segundo a qual o prazer e a dor constituem o móbil da ação, uma vez que, de acordo com a teoria ideomotora, o pensamento de uma ação já a produz por si mesmo. A análise de James se tornou dogma, mas foi eficazmente atacada pelo psicólogo E. L. Thorndike (1874-1949), que propôs em seu lugar a doutrina behaviorista de acordo com a qual as idéias não têm nenhum poder de causar comportamento, sustentando que a crença na ação ideomotora equivale à crença na magia simpática. Assim, devia ser retirada do vocabulário da psicologia. ☉ JAMES, VOLIÇÃO.

T.H.L.

AÇÃO SOCIAL, uma subclasse da ação humana que envolve a interação entre agentes e a sua orientação mútua, ou então a ação de grupos. Enquanto todas as ações inteligíveis são em certo sentido sociais, as ações sociais devem estar voltadas para os outros. Foi Talcott Parsons (1902-1979) que captou o que é distintivo da ação social no seu conceito de “dupla contingência”, visto que conceitos semelhantes foram desenvolvidos por outros filósofos e sociólogos, incluindo Weber, Mead e Wittgenstein. Enquanto na ação monológica o cumprimento dos objetivos por parte dos agentes depende unicamente de fatos contingentes a respeito do mundo, o resultado da ação social está também na dependência da forma como outros agentes reagem àquilo que o agente faz, como também da forma como este mesmo agente reage a outros agentes e assim por diante. Um agente comunica com sucesso, por exemplo, não meramente pelo achado de alguma expressão apropriada num sistema simbólico existente, mas também pela compreensão da maneira como outros agentes gostariam de entendê-lo.

A teoria do jogo descreve e explica outro tipo de dupla contingência na sua análise da interdependência das escolhas e estratégias entre agentes racionais.